

VIVÊNCIAS NO ESPAÇO, PERCEPÇÕES DO ESPAÇO: MARISQUEIRAS E PESCADORAS EM MARAGOJIPE-BAHIA

Jeruza Jesus Do Rosário¹

RESUMO

Este artigo traz o cotidiano das pescadoras na reserva extrativista (resex) marinha Baía do Iguape, localizada no Recôncavo Sul Baiano. Na busca pela sobrevivência, estas mulheres adaptaram-se às exigências e regras da lógica do capital, o que resulta na atual luta pela valorização de sua atividade pesqueira e pelas suas garantias trabalhistas. Observamos que a inserção da mulher na atividade pesqueira, acontece sem o devido reconhecimento de seu trabalho e da definição de seus direitos. Neste espaço, tem-se a solidariedade, os laços culturais e, desse modo, a identidade, motivadas pela afetividade, o que se leva à idéia da percepção global, holística do mundo e dos homens, a partir de trocas simbólicas e relações que se acumulam nas práticas cotidianas. O contato com a riqueza da região, sua biodiversidade, aguçada pelas vivências do mundo simbólico das pessoas ouvidas, leituras sobre as festas e comemorações religiosas e o cuidado com o meio, direciona a pesquisa para os aspectos culturais marcantes desta população, pelo levantamento das histórias narradas do cotidiano da mulher pescadora em seu espaço de vivências, o que evidencia que espaço e tempo não devem ser separados ou, caso contrário, não se consegue expressar claramente, pela linguagem, o que se quer dizer.

Palavras – chave: Pescadoras, Espaço, Vivências, Simbolismo

APRESENTAÇÃO

Neste artigo, trago a verificação do cotidiano das pescadoras em seu espaço, a percepção de si próprias neste espaço através da observação do espaço vivido, diagnosticando a representação deste como cenário de vida, de trabalho e como mediador na transmissão de conhecimentos, fomentando, assim, uma análise pelo prisma da ciência geográfica.

O estudo desenrola-se na Baía do Iguape, especificamente na localidade de Maragojipe, município-sede da região. Este justifica-se pela necessidade do estudo da participação da mulher na construção da sociedade com enfoque na atividade pesqueira feminina dentro de uma reserva extrativista, a Resex Marinha Baía do Iguape. Apreender as pescadoras a partir de suas memórias,

¹ Geógrafa, Mestre em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus V.

a afirmação de sua identidade e estas como sujeitos delineadores de cultura tendo em vista as pescadoras se constituírem agentes transformadores frente ao seu meio, o seu espaço.

A RESEX

Esta pesquisa traz o cotidiano da mulher pescadora na Reserva Extrativista Marinha Baía do Iguape (Resex Baía do Iguape), localizada no Recôncavo Sul Baiano. A Baía do Iguape é uma baía interior da Baía do Todos os Santos e está localizada em pleno rio Paraguaçu, justamente onde este rio deixa de correr margeado por montanhas, após passar pelas cidades de Cachoeira e São Félix antes de encontrar a sua foz na própria BTS. Em torno da Baía do Iguape, está localizada a sede do município de Maragogipe e as vilas Santiago do Iguape, São Francisco do Paraguaçu, Nagé, entre outras.

A reserva tem a finalidade de dar suporte à população na extração da fauna marinha de modo sustentado sendo uma iniciativa do governo federal em conjunto com o IBAMA. Esta Resex² configura-se como uma das formas de ação e uso coletivo que objetiva o uso sustentável de uma área, mediante a regulamentação do uso dos recursos naturais e dos comportamentos a serem seguidos Baía de Todos os Santos e Baía do Iguape pelos extrativistas.

² A partir deste ponto no texto, utilizaremos sempre que possível a sigla “Resex” como referência à Reserva Extrativista Marinha Baía do Iguape.



Grupo Gérmén – Bahia, 2005.

Figura 1: Baía do Iguape e Baía de Todos os Santos

A Baía do Iguape possui aproximadamente 42.000 habitantes (IBGE, 2000) que vivem, basicamente, da pesca artesanal, agricultura do fumo e pequenas agriculturas familiares. Quanto à atividade da pesca, registra-se a existência de um universo de cerca de 8.000 pescadores em toda a Baía do Iguape e, conforme informações da Colônia de Pescadores de Maragojipe, são associados 3.500 pescadores entre homens e mulheres, sendo mais de 50% deste corpo de associados composto por mulheres.

A utilização do termo “pescadoras” como referência às mulheres trabalhadoras neste estudo, deve-se à relevância do fato de que muitas delas realizam a pesca propriamente dita, além da mariscagem, tendo somente elas próprias como reconhecedoras de sua condição de pescadoras³ e marisqueiras, realidade que evidencia o grau de invisibilidade do trabalho destas. Faz-se também a consideração de que a atividade da pesca constitui-se de quando dos

³ As mulheres trabalhadoras na maré em Maragojipe, consideram-se pescadoras mesmo que não “embarcadas”, o contrário do que acontece com os homens, que segundo elas próprias nas entrevistas, só consideram-se “pescadores” quando fazem uso de algum tipo de embarcação como a canoa, por exemplo.

procedimentos iniciais, os quais configuram-se na preparação dos apetrechos necessários à atividade da cata ou pesca, até o beneficiamento do produto.

Nesta pesquisa sobre a vida cotidiana destas mulheres, utilizei-me da história oral, pois é imprescindível a busca de interlocução com quem estava entrevistando. Para a minha satisfação, as entrevistas transcorreram de maneira muito amistosa, horas de bate-papos com estas simpáticas e falantes mulheres, sementes de muita reflexão.

ESPAÇO DAS MEMÓRIAS

São muitas as mudanças relacionadas à pesca, principalmente, no que diz respeito da década de 60 para cá, conforme o pescador Eivaldo Santos⁴, de 67 anos, “Seu Miúdo”, como é conhecido em Maragojipe. Não só em questões de estrutura da organização da colônia de pescadores, fundada em 1974, enquanto órgão importante para a organização da classe, mas, sobretudo, mudanças relacionadas ao seu meio ambiente:

“me sinto feliz em ter filho e filhas pescador, mas a coisa ta mudando por mar e por terra..., o produto ta acabando..., do que eu já extrai aqui, da lama do mangue pra economia da família...,vô te contá..., se fosse hoje, todos morria de fome”

É muito interessante observar, que ao tempo em que S. Miúdo se diz feliz por ter filhos e filhas na pesca, com alívio, pondera sobre o fato de que, caso atualmente, houvesse a necessidade de sobreviver da pesca como à época em que os filhos eram pequenos, os mesmos teriam passado fome.

Vê-se nas palavras de Seu Miúdo, a importância sobre à qual Alistair Thomson (1997) refere-se, quando aborda que *“alguns historiadores às vezes não levavam em conta as várias camadas da memória individual e a pluralidade das versões sobre o passado fornecidas por diferentes narradores.”* São muitas versões, interpretações diversas sobre diferentes aspectos das vidas das pessoas, e no caso específico da população pesqueira de Maragojipe, percebe-se o quão

⁴ Entrevista cedida à autora em 26 ago. 2008 como procedimento metodológico de pesquisa.

extremamente envolvidas em suas vidas, em suas memórias, emaranhado muito complexo de muitas histórias, faz-se os modos de perceber o que acontece a sua volta:

“um monte de espécies que hoje já não panho mais..., uns diz que foi a Vottorantim, outros diz que foi o asfalto.....o que é certo é que ficam jogando culpa por cima de culpa..., eu não sei se tô certo, mas, pra mim, é o produto, o agrotóxico que estão colocando na lavoura e a água da chuva quando vem, leva tudo de bom e de ruim pra maré”

As palavras de Seu Miúdo corroboram com o privilegiar as reflexões sobre o tema deste estudo, a partir da utilização do pensamento do equilíbrio holístico, ou seja, a idéia do ser humano como um ser integrado. Pescadoras e pescadores de Maragojipe, acredito serem um grupo de indivíduos de extrema importância para o tipo de análise aqui proposta, tendo em vista o olhar complexo sobre seu meio. Conforme Edgar Morin (1995), *“O objetivo do conhecimento não é descobrir os segredos do mundo, mas dialogar com seus mistérios”*, e assim, vejo que os homens e mulheres que vivem da pesca representam bem esta realidade pois têm muito conhecimento pela observação da natureza.

Morin (1995) traz ainda as imagens da natureza, os fragmentos da lembrança em busca de um sentido, compreensão das imagens mentais que estabelecem a idéia de natureza. A terra, a vida e o homem formam esse complexo físico, biológico e antropológico.

Com as pescadoras, observando os modos cheios de intimidade com o lugar e como se referem ao manguezal, suas casas, percebo o quanto homem e natureza se integram. Ser de um lugar se dá intuitivamente no modo de vida que coleciona as influências de onde se vive, nas lições diárias da natureza e de tantas outras pessoas.

Conforme a pescadora Roquelina, para se aprender a arte da pesca, é necessária muita observação. Precisa de muita experiência, de muita vivência:

“na verdade, não se aprende a pescá..., o que se aprende é você observar a natureza igual a si próprio...eu não aprendi a pescá sozinha, mas o que eu sei mesmo foi com muita observação”

Temos a visão, percepção e simbolização da “natureza mãe”, conforme Boff (1993), deste lugar, que, quer queira, quer não, já se encontra permeado dos ritmos acelerados de modernização. O uso da memória nos remete a perceber o mundo não como um só, como ditam as regras do imediatismo e efemeridade do mundo atual, mas o mundo como reflexo de suas crenças, de seus valores, o mundo como parte de sua realidade, que se faz ainda intimamente atrelado ao meio natural e aos modos particulares de ser.



Figura 2: Pescadora da Baía do Iguape na realização de seu trabalho.

As pescadoras são mediadoras da natureza e a apropriação desta é expressa no processo do conhecimento e do trabalho e, neste sentido, tem-se acesso ao modo como funciona sua lógica: *“se a gente pega um siri que tá miudinho, magrinho, tem que soltá..., tem que soltá tudo se for miúdo, a gente tem que sê cuidadoso”*⁵.

⁵ Entrevista cedida à autora em 05 jul. 2007 como procedimento de pesquisa.

De acordo com as palavras de Taís Aparecida de Jesus Santos, pescadora de 23 anos, pode-se perceber como as relações de zelo com meio fazem-se presentes. Isto nos traz novos ares na forma de pensar, esteio encontrado na teoria da complexidade de Edgar Morin (1995). Segundo ele, o termo “complexidade” não se apresenta como receita ou solução para lidar com o estudo do real, mas como desafio e motivação para pensar sobre o mesmo.

Lidar com o estudo do real, relaciona-se à possibilidade de analisar processos, como por exemplo, o fato de que a pescadora aprende a pesca e aprende junto com esta a arte, o respeito profundo para com a natureza e, em consequência, o respeito para com o seu próximo, característica que percebo predominante na cosmovisão deste grupo.

O olhar dos que vivem nesta região pesquisada torna-se imerso na idéia de complexidade trazida por Edgar Morin por estar imerso na totalidade do seu meio ambiente. Felizmente, estas mulheres, a exemplo de D. Edna⁶, ainda conseguem manter seus ritmos da maré: *“mariscá é meio de sobrevivência, mariscá é muito bom e mariscá cantando é melhor ainda...”*. E neste ritmo, as pescadoras seguem suas vidas...

Marisqueiras e pescadoras, desde sempre, foram levadas, pela busca do sustento, à realização de outras atividades em Maragojipe. Muitas delas, trabalharam da empresa Suerdiek, a fábrica de charutos, lá nos anos de 1970. Na sala de sua casa, recostada em seu sofá, D. Benedita⁷ conta sobre a época em que trabalhou nesta empresa, e em tom de queixa sobre o trabalho, explica o quanto é diferente do ambiente de trabalho em clima de amizade e comunhão que desfruta na pesca:

“mesmo quando eu trabalhava na Suerdieck, eu fugia pra ir pro mangue, trabalhava pra dá comida pros meus filhos, entendeu?...e depois eu me fichei, comecei a trabalhar direito, de carteira assinada, mas depois eles me demitiram, ai eu vim m'imbora pescá de novo..., (...) ...mas eu continuava a ir pro mangue, eu e minhas filhas... no mangue é mais alegre, minhas filha vão cumigo desde pequena, vai todo mundo junto e tem também o pessoal daqui de junto ...e lá sempre dá pra trazê alguma coisa, um aratu de braço”

⁶ Entrevista cedida à autora em 05 jul. 2007 como procedimento de pesquisa.

⁷ Entrevista cedida à autora em 05 jul. 2007 como procedimento de pesquisa.

Na pesca, mesmo que o trabalho fosse feito de forma individual, as horas são partilhadas com outras pessoas, outras pescadoras, e isto sempre fez muita diferença como até hoje.

O trabalho em contato constante com a natureza favorece a proximidade entre as pessoas. As pescadoras são embaladas neste ritmo ao ponto de que seu conhecimento sobre o meio natural ecoa em suas práticas sociais.

Tem-se em Maurice Halbwachs (1989) quando este fala da força da memória coletiva, *“das funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo”* e, é bem esta valorização do estar em grupo, da idéia de um indivíduo comungar com o outro expressada por D. Benedita.

Esta linha de pensamento, cria instrumentos de constatações interessantes para a análise da sociedade em que vivemos.

Nas memórias, se tem a possibilidade de obter e desenvolver conhecimentos, novas conclusões, análises em novas e inéditas fontes, criando espaço de contato e influência sobre pessoas, interpretações da vida e a experiência dos que convivem com a natureza no manguezal⁸.

As pescadoras se expressam, expõem sentimentos e atitudes frente ao mundo. Rememorando experiências vividas, fragmentos de memórias recheados de sensibilidade, alegria ou dor, criam um ambiente onde um vive e o outro revive e, no reviver, recria-se a história de cada uma delas.

Vemos que a cultura influencia a percepção predisposta a enxergar a tudo que faz como parte do meio. Logo, os conceitos de cultura e meio ambiente serão superpostos ao de homem e natureza.

Tem-se, então, uma demonstração de como a sociedade explica a si própria, construindo e transmitindo as tradições de fé, de cuidado com o outro e, por isso, a necessidade de estar atento aos modos de pensar local.

⁸ Ver MARIANO NETO, Belarmino. Ecologia e Imaginário. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.

APRENDIZADOS, ENSINAMENTOS, A PESCA:

“ENLAÇADOS QUE NEM RAÍZ DE MANGUE”

O conhecimento das práticas sociais, adquirido com maestria pelas mulheres trabalhadoras na pesca, se dá pela observação do meio natural quando da aprendizagem sobre a pesca com os pais.

Acredito que isto pode ser pensado conforme a abordagem de Michael Pollak (1992) como, *“um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada.”*

Segundo Roquelina, o importante é a vivência, a experiência que se adquire com o tempo. Saber os tipos de artificios, os horários da maré, os tipos, é pesquisar, apreendidos em contato com os pais durante as atividade.

Para ser pescador, pescadora, geralmente, o aprendiz, a partir de 12 anos, acompanha o mestre no barco, por alguns anos. Neste sentido, D. Regina exprime o modo como as lições vão se incorporando na convivência diária:

“a gente nasce nesse tom e é naquele tom que eu mesmo me criei; eu trabalhei doméstica, mas nunca foi de carteira assinada...,então quando eu me entendi como gente, foi a vida que meu pai me levou. Ele saia pra pescar, me botava na frente...a partir de 14 anos”

Através da demonstração de adaptação ao trabalho, do requisito *coragem*, o aprendiz pode ser considerado apto à atividade. Sua inserção no mundo da pesca, produção e reprodução social advém da sabedoria no manguezal ou no mar. É a bagagem contida nas ações realizadas pelos seus avós, pais, companheiros e companheiras de pesca, que compõem a formação do trabalhador na pesca, já que não utilizam mecanismos de pesca industrial como sonar, GPS, por exemplo.

O ritmo de trabalho é determinado pela cumplicidade do homem com a natureza, assim como a compreensão da pescaria boa, a quantidade de espécies de pescados, tudo isto encarado como um presente da gentil mãe natureza.

Ser uma pescadora artesanal é, primordialmente, tornar-se portadora de um conhecimento que somente o cotidiano da pesca lhe confere, o que permite conduzir suas atividades, ampara

suas atitudes numa ampla complexa cadeia de inter-relações ambientais. Como afirma Diegues (1983), “o importante não é conhecer um ou outro aspecto, mas saber relacionar os fenômenos naturais e tomar as decisões relativas às capturas.”

No que se refere a manutenção da tradição, o papel feminino é de extrema importância, já que é ela a educadora e socializadora maior nas sociedades pesqueiras. São as mulheres que parem, que cuidam, que orientam, que passam a maior parte do tempo com suas crianças numa partilha contínua de ensinamentos e aprendizados. São referências de valores e sentimentos. As memórias do exemplo de dignidade que ela própria representa para si são repassadas aos seus e trazidas com força suficiente a ponto de pormenores pouco representarem.

Natureza e cultura estão colocadas tendo por referência os processos naturais nos quais os seres humanos se inserem, dos quais retiram o seu conhecimento e sua vida e as construções culturais humanas derivadas do conhecimento e do saber, se apóiam na realidade natural. É nesta realidade que se constituem ambientes onde os indivíduos são ativos destes processos naturais.

Neste processo naturais, as pescadoras vão sedimentando a clareza sobre a sua condição de pilares de suas famílias, de mantenedoras, e, ao meu ver, assumindo e pondo-se como o esteio de seus lares.

Neste sentido, Roquelina afirma ver a “*mulher pescadora extremamente preparada para conduzir um lar*”, tendo em vista a labuta diária em administrar as dificuldades do dia-a-dia da vida no manguezal. A mãe-pescadora como agente multiplicador de suas vivências, de seus saberes. Os saberes ambientais, os saberes pautados pela tradição, povoam o cotidiano de quem vive na pesca.

Como exemplo destes saberes, tem-se uma das lendas mais famosas da Baía do Iguape, a Vovó do Mangue e, sobre isto, D. Edna conta sob os olhos atentos e amedrontados dos netos paquenos. Vejo que na lenda da Vovó do Mangue estão implícitos os saberes e o ensino da arte da pesca para os filhos de maneira zelosa:

“eu chamei e disse: ela tá te perseguindo, né?...você pega um pedacinho de fumo de corda ou de charuto, bota no galho do mangue, você bota, deixa lá, diga que é dela e vá continuá o que você tem pra fazer..., ai ele deu pra fazer isso..., ela anda direto aqui nesse mangue daí da frente”

Maria Isaura Queiroz (1988) traz que *“o relato oral está, pois, na base da obtenção de toda a sorte de informações e antecede a outras técnicas de obtenção e conservação do saber”*. Estes saberes são passados de geração a geração a partir de um retorno contínuo aos elementos que estão na memória coletiva. Vansina (1982) afirma que *“uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também com um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, a tradição oral.”* Os saberes passados de geração à geração, muitas vezes, utilizam-se do caminho onde colocam-se na forma de mitos, na razão e na emoção, na organização da experiência vivida pelas pescadoras do Iguape, transformando a experiência vivida em objeto de conhecimento através do sentimento e da imaginação.

As pessoas seguem suas vidas, seus valores vão preenchendo o espaço onde habitam na forma dos saberes e seus lugares funcionam como a casa, o lar, lugar de tranquilidade e segurança onde pescadoras, pescadores, seus habitantes, sentem-se protegidos a ponto de que se instrumentalizam para a criação de imagens que se perpetuam agarradas na profundidade da porção que chamamos de alma humana.

O que se passa na prática da pesca, se transforma em teorias que se instituem pela tradição que fundamentam a pesca artesanal, são comprovadas no cotidiano e justificadas pela perpetuação. O conhecimento pesqueiro é patrimonial, ancestral e renasce a cada nova geração perpetuando assim os segredos das águas, dos peixes, dos mariscos, da vida de pescadora, preenchendo os lugares de vida na apropriação simbólica exercida por sua gente.

ESPAÇO APROPRIADO SIMBOLICAMENTE

O espaço transformado e vivenciado pelas pescadoras caracteriza-se por conter simbolismos que derivam de valores culturais que ali se acham enraizados e que existem na medida em que são usados.

Com Milton Santos (2000), tem-se que daí surge a territorialidade afetiva de acordo com valores que são indispensáveis à sobrevivência das sociedades, pois constituem a liga que garante a permanência e a elaboração do futuro.

Por exemplo, quando D. Regina me fala sobre a sua tentativa de buscar trabalho na cidade de Feira de Santana, em busca de uma vida melhor, mas que retornou à Maragojipe em pouco

tempo, um pensamento que já me ocorria mesmo antes do início das entrevistas com as pescadoras, ganhou corpo. O laço com o lugar de origem ocupa grande espaço nas memórias que vão construindo identidades balizadas por tradições existentes como, por exemplo, a atividade da pesca.

Sendo a pesca uma atividade de contato contínuo com o meio natural, nada mais oportuno que trazer a natureza e cultura aí colocadas tendo por referência os processos naturais nos quais os seres humanos se inserem, dos quais retiram o seu conhecimento e sua vida. As construções culturais humanas derivadas do conhecimento e do saber se apóiam na realidade natural.

Com Harvey (1993), temos pontuado o encarar o espaço como “atributo objetivo das coisas que pode ser medido e, portanto, apreendido”, e isto faz-se no sentimento de proximidade e reconhecimento em relação ao meio ambiente, o que não permite a perturbação do equilíbrio deste meio, pois a consciência que dali é que se tira o sustento existe de maneira muito intensa na vida dessas pessoas, sendo portanto mais ampla e complexa que a simples condição material e objetiva do espaço que prevalece.

Assim, Tuan (2005) traz que “o espaço é mais abstrato do que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”, e a valoração destes lugares vem, antes de tudo, da importância que estes têm na vida destas pessoas: o sentido de sustento para suas vidas!

O sentido do respeito se evidencia, de acordo com Yi-Fu Tuan (1980), com seus escritos sobre topofilia, os laços afetivos com o espaço, torna-se um dos principais faróis nas idéias de construção desta pesquisa. Pela leitura e interpretação de seus trabalhos influenciou todo um desejo em aprofundar o estudo das idéias e valores do espaço das pescadoras da Baía do Iguape, em relação aos aspectos da cultura, da natureza do homem e do meio ambiente.

Neste pensamento, vejamos com D. Edna, que mais uma vez sobre os tempos difíceis com seus filhos ainda pequenos, expõe a angústia frente a dificuldade da busca do sustento, a inconstância da vida na pesca:

“trabalhá na pesca, tem dia que você tem o que cumê, tem dia que você não tem o que cumê..., quando a Suerdieck fechou eu disse: o que é que eu tenho que fazê?...eu tenho que botá esses minino tudo pra mariscá, ai eu levava todo mundo”

Viver no manguezal é partilhar das delícias e intempéries que a natureza promove. A vida vai se desenrolando em meio de época boas, outras nem tanto e nesse tom a vida prossegue.

Com Tuan, temos que *“a topofilia não é a emoção humana mais forte. Quando irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente forte ou é percebido como um símbolo”*

O amor pelo lugar vai se construindo, encarado como herança, um legado a ser preservado, algo enraizado pelos sentimentos, memória que se reflete nas relações das pessoas, tudo como amálgama entre indivíduo e lugar.

Simone Maldonado (1993), No caso dos grupos humanos que da pesca tiram o sustento, pode-se conceituar “território”, quando se emprega valor de uso aos lugares por elas apropriados, ou seja, na medida em que se expressa uma força ou um poder sobre os lugares.

Na Baía do Iguape, as pescadoras andam muito, se locomovem a pé ou, no máximo, em carrocerias quando de suas idas a locais mais distantes para a pesca, compras ou irem ao médico, por exemplo.

Desta forma, elas se tornam conhecedoras dos caminhos, dos pontos do manguezal onde o caminhar e a cata do marisco se torna mais dificultosa, dos horários das marés, do cheiro de chuva, do vento que trás a chuva, se a noite será boa para a pesca do camarão, da redução da salinidade da água que, muitas vezes, acaba espantando peixes ou até mesmo matando mariscos. Todas estas mudanças dependem de um tempo maior para os processos de observação da natureza.

No clima da subjetividade toda, temos que, quanto mais conhecedor de seu lugar, mais respeitoso se dá o comportamento do indivíduo. A intimidade adquirida, como podemos ver a seguir com D. Eulina, pescadora de 48 anos, também conhecida como Zinha, e as histórias da Vovó do Mangue, tomam forma na relevância que se estabelece à medida em que as referências culturais determinam as ações da sociedade sobre a natureza:

“na Vovó do Mangue?...ah, eu acredito..., nunca tomei carrera da Vovó do Mangue porque eu respeito, num levo fumo, mas quando eu vô pro mangue, primeiro eu peço licença a ela”

Nisto, podemos verificar o que faz a pescadora não sair para buscar o seu marisco sem oferecer um charuto ou um pouco de fumo para a Vovó do Mangue, a lenda famosa sobre a senhora que, segundo a história contada, toma conta do mangue e o protegeria.

Mariano Neto (2001) traz que *“O imaginário, pode ser tido como fonte atuante da idéia e da representação mental da imagem”*, ou seja, informações que se compõem individual e coletivamente, materializando-se em ações informadas por imagens e símbolos, e ainda com Castoriadis (1991), *“mediação essencial entre o mundo interior e exterior, entre o real e o imaginário, supondo-se utilização de símbolos, signos e alegorias”*.

Partindo disto, creio importante considerar que o imaginário se constitui em método que permite às pessoas da Baía do Iguape relacionar a complexidade ecológica e social com o não racional, o emocional, o impreciso e todas as suas contradições.

O desenvolvimento humano correlacionado à natureza e ao imaginário prediz um consenso que promove os novos paradigmas científicos.

A incorporação do simbólico e do imaginário como instrumentos importantes na busca do conhecimento atrelados à natureza e à construção humana nos abre horizontes com vistas à leitura de fenômenos naturais e humanos.

O respeito anima e dignifica pescadoras e pescadores, dignificando o indivíduo, proporcionando a formação e desenvolvimento da consciência do uso compartilhado dos recursos e do amor pelo seu lugar.

A relação de harmonia respeitosa com o espaço de pesca revela a cumplicidade estabelecida entre a pescadora e o seu recurso de pesca. Seus saberes de pesca no manguezal funciona como o GPS mais eficiente que poderia ser utilizado, ou seja, seus saberes são a bússola no manguezal.

Vejo que o lugar vivido participa ativamente do processo intelectual das pessoas que com ele comungam. Novamente, trazendo a contribuição repleta de sensibilidade de Milton Santos

(1986), *“as interpretações geográficas, partem do princípio de que cada indivíduo tem uma maneira específica de apreender o espaço, assim como de avaliá-lo.”*

A percepção espacial, neste caso, é delineada pelos referenciais socioculturais e pelos laços afetivos com seu espaço de trabalho.

Ao se reproduzir em um dado espaço, criam-se e recriam-se particularidades nas relações, sejam estas estabelecidas entre os próprios indivíduos ou entre os indivíduos e o espaço onde desenvolvem suas atividades: espaço dinâmico expressado por Milton Santos, quando são agregados os conhecimentos, as práticas e as crenças.

Nos aspectos culturais, podemos perceber a maneira como o indivíduo e o grupo se comunicam com o mundo, o que se perfaz como uma herança e o evidenciar das relações profundas entre o homem e seu meio.

Ocorrendo identificação entre homem e meio ambiente, é que se torna possível muitos começarem a perceber o quão é importante o equilíbrio do planeta e muitas transformações vêm sendo construídas como uma alternativa à estrutura civilizacional que temos vivenciado.

Mais que uma mudança de mentalidade, é apresentada como uma mudança de paradigma, levando em consideração o termo dentro do conceito proposto por Boff (2000) de paradigma enquanto *“uma maneira organizada, sistemática e corrente de nos relacionarmos com nós mesmos e com tudo o resto à nossa volta”*.

A imaginação como mediadora entre o vivido e o pensado, entre a presença bruta do objeto e a representação. Assim, *“a imaginação alarga o campo do real percebido, preenchendo-o de outros sentidos.”*⁹

Conclusão

Temos, então, conforme Atlan (1992), terra como registro simbólico e fonte de sobrevivência, práticas codificadas e ritualizadas no imaginário estabelecido nas relações homem/natureza.

Estes elementos adquirem uma existência mental que se configura entre o cérebro humano e o ambiente. A consciência-memória e os padrões de imagem formam-se ininterruptamente, acumuladas na memória projetadas num futuro por definição imaginado.

Quando a pescadora conta sobre Deus, da Vovó do Mangue, o Caipora, torna-se um desafio falar dos fios invisíveis que formam a grande teia que permite o existir das coisas da vida e de que forma estas saem das cabeças e passam a ser motivos de horas e horas de histórias contadas pelos mais velhos sob olhares de dúvida, mas, sem dúvida, sob olhares também preenchidos de um lirismo que toca mesmo os mais céticos, pois conforme Calvino (1998) afirma, “*o que se faz presente não são só as forças que sustentam a matéria, mas também aquelas que dão sentido a existir*”, são as elaborações a partir do visível e do invisível, nos permitem construir fragmentos da realidade, a invenção do oculto recheado de símbolos invisivelmente imaginados. Na história, temos as imagens em ídolos, de ouro, barro, madeira e metal.

“o território envolve sempre, ao mesmo tempo (...), uma dimensão simbólica, cultural, por meio de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de controle simbólico sobre o lugar onde vive(sendo também, portanto, uma forma de apropriação), é uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos”¹⁰.

A visão sacralizada da natureza propiciava a idéia do homem como parte dela. Este, em troca, tratava-a com respeito e cordialidade, como o carinho de um filho para com a sua mãe. Esta lição que se aprende com as pescadoras e pescadores do Iguape em poucos minutos de observação da realização de seu trabalho.

Não há a intenção de se perder de vista o princípio do método, mas tem - se a sede de registrar que algumas questões extrapolam os paradigmas científicos dos fenômenos complexos, que não podem ser simplificados ou reduzidos às suas casualidades, concretas, visíveis e objetivas.

⁹ ARANHA, M. L. A. & MARTINS. M. H. P. *Filosofando – Introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1992. P. 387.

¹⁰ SALDANHA, Iaskara R. R. *Espaços, recursos e conhecimento tradicional dos pescadores de manjuba (Anchoviella lepidentostole) em Iguape / SP*. Iaskara Regina Ribeiro Saldanha; orientador; Prof. Dr. Antonio Carlos Sant’Ana Diegues. São Paulo, 2005. P. 121.

Nesta pesquisa, buscou-se o ser humano nas relações espaciais simbólicas construídas através dos valores, sentimentos e ações, assim como as representações e simbolismos espaciais. Creio ser relevante afinar o olhar geográfico na percepção das relações construídas pelas pescadoras nos seus modos de vida, sua identidade, buscando lastro no mundo imaginário, no simbólico, nos territórios e lugares de tempo lento e cíclico, o mundo vivido, afim de analisar as bases das posturas de cada indivíduo no seu cotidiano.

Neste sentido, as negociações no espaço vivido das mulheres, enquanto conjunto das práticas sociais, funcionam como guias dos valores e sentimentos vividos por um grupo social. As mulheres participam ativamente da constituição das características típicas de um grupo social e, conforme Iaskara Saldanha (2005), a estrutura social em que estas mulheres vivem, as posiciona e confere papel, identidade, perspectiva, poder, privilégio e prestígio.

REFERÊNCIAS

ORAIS

Benedita Santos, 64 anos. Pescadora. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 05/07/2007.

Edna da Conceição dos Santos, 59 anos. Pescadora. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 05/07/2007.

Erivaldo Santos, 67 anos. Pescadora. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 26/08/2008.

Eulina Souza, 52 anos. Pescadora. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 05/07/2007.

Roquelina Souza de Almeida, 43 anos. Pescadora. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 06/07/2007.

BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, M. L. A. & MARTINS. M. H. P. *Filosofando – Introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1992.

ATLAN. Henri. *Entre o Cristal e Fumaça*. Rio de Janeiro. Jorge Zhar editor, 1992.

BOFF, Leonardo. *Ecologia Mundialização Espiritualidade*. São Paulo: Ática, 1993.

DIEGUES, A. C. S. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. Ed. Ática, 1983.

HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

- HAVELOCK e. “ A equação da oralidade – escritura: uma fórmula para a mente moderna” In: Olson, D. e Torce, N. Cultura escrita e oralidade. São Paulo: Ática,1995.
- MALDONADO, Simone Carneiro. Mestres e Mares : Espaço e Indivisão na Pesca Marítima. São Paulo, Annablume, 1993.
- MARIANO NETO, Belarmino, Ecologia e Imaginário. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.
- MORIN, Edgar & KERN, Anne Brigitte. Terra-Pátria. Porto Alegre. RS: Editora Sulina, 1995.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, CPDOC/FGV, São Paulo, Editora Revista dos Tribunais, Vértice, 1989.
- SALDANHA, Iaskara R. R. Espaços, recursos e conhecimento tradicional dos pescadores de manjuba (*Anchoviella lepidentostole*) em Iguape / SP. Iaskara Regina Ribeiro Saldanha; orientador; Prof. Dr. Antonio Carlos Sant’Ana Diegues. São Paulo, 2005.
- SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.(org.). A construção do espaço. São Paulo: Nobel, 1986.
- SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. São Paulo: Nobel, 1987.
- THOMSON, Alistair. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. Ética e História Oral. Projeto História nº 15, Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História – PUC/SP. São Paulo, Abril de 1997.
- TUAN, Yi Fu. Topofilia – Um estudo da percepção, atitude e valores do meio ambiente. São paulo/ Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.
- VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. KI-ZERBO, J. (org.) História Geral da África. Metodologia e pré-história. Vol. I, São Paulo: Ática/Unesco, 1982.